

LIBERA

ANO 9 - Nº 96
SET-OUT/99

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

PARA NÓS ANARQUISTAS

Quando se aproxima o final do ano, é comum uma pausa para reflexão, para avaliar onde estamos e os porquês de tudo o que está ocorrendo ao nosso redor. Também é comum uma retrospectiva, para entendermos como chegamos até o presente momento. Vamos tentar, com a modéstia de sempre, falar de nós mesmos, do anarquismo para sua própria militância, reconhecendo todo o peso e responsabilidade que nossa ideologia carrega nos ombros.

Existe uma pergunta já clássica, embora recente, e repetida várias vezes:

— *O que é o anarquismo?* Sem enrolação queremos colocar, ao menos, nossa opinião e conceito:

— *O anarquismo é uma ideologia revolucionária, uma doutrina de libertação social e uma ferramenta teórico-prática para executar esses propósitos.* Logo em seguida, vem outra pergunta:

— *O que é ser anarquista?* Novamente, na forma mais direta possível:

— *Os anarquistas são todos aqueles que simpatizam e/ou são adeptos de uma proposta revolucionária para construir uma sociedade sem classes, federalista e autogestionária.* E por fim, a última pergunta habitual:

— *O que é ser militante anarquista?*

— *É estar comprometido material e intelectualmente com um projeto político popular e revolucionário, dedicando seu tempo, esforço e vontade; abdicar das possibilidades de ascensão neste sistema vigente; é se arriscar e se dedicar ao coletivo, e através deste, com nossa classe e povo, solidariamente contribuindo para o esforço organizativo da luta popular.*

Resumo da história: é colocar o de cada um e o de todos nós (anarquistas) na reta, para cumprir o compromisso com os companheiros que lutaram por toda a vida, para que a classe conquiste o que é seu (nosso) por direito. Não podemos tapar o sol com a peneira e entender que esta é a compreensão do anarquismo que se tem notícia no Brasil desde os tempos da abertura do regime militar (1977). Mas uma coisa podemos garantir: é esta a concepção anarquista que foi o motor de nossa classe em luta nas Greves de 1917, na Insurreição de 1918, na Batalha da Praça da Sé de 1934 e em diversos outros episódios marcantes. E, o mais importante, foi esta classe operária organizada pela ideologia anarquista que conquistou todos os nossos direitos (que hoje estão indo para o ralo...) e ela que fazia a burguesia e a milicada tremerem quando tomava as cidades brasileiras. Para

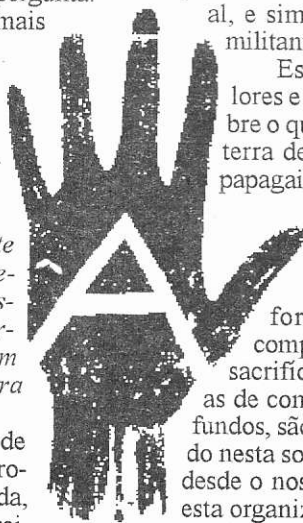
finalizar, o que deveria ser óbvio, é este o anarquismo de negro de luto e vermelho de luta que nasceu na ala federalista da 1ª Internacional, e este é o Anarquismo!!!

Um leitor mais atento pode se perguntar o porque de um boletim ideológico ter de reafirmar seus princípios e história num momento que deveria ser de reflexão?? Se alguém fizer esta pergunta, pode ter certeza que fizemos primeiro, justo porque pensamos ser este um momento em que nossa ideologia está reapontando seus rumos para o que sempre foi e será: uma **ideologia revolucionária**. Euforias à parte, é isto o que hoje está acontecendo e repetidas vezes tratamos este tema no *Libera*... A corrente libertária *Resistência Popular* pouco a pouco vai saindo, e isto nada mais é do que o cumprimento do dever como modestos e dedicados militantes do povo. Mas não é sobre o fruto deste processo a razão deste editorial, e sim sobre sua semente (a ideologia) e seus ativistas (os militantes).

Este momento é, mais do nunca, hora de discutirmos valores e conduta. Não sobre irrelevâncias comportamentais sobre o que comer (num país de famintos!!!), o que vestir (numa terra de esfarrapados!!), que música escutar, ou ficarmos de papagaia discutindo nossas vidas privadas, numa auto-análise burguesa e individualista. É hora de fazermos o óbvio, ou seja, cultivarmos os valores anarquistas da única maneira possível: militando.

Para os anarquistas, as palavras solidariedade, esforço, conduta, compromisso, liberdade, dedicação, companheirismo, altruísmo, desprendimento, capacidade de sacrifício e humildade, não são nem podem ser palavras vazias de conteúdo. Mais do que palavras, estes são conceitos profundos, são uma forma de estar no mundo, uma maneira de viver nesta sociedade injusta, lutar contra esta injustiça. Isto é, lutar desde o nosso mais profundo senso de humanidade, lutar contra esta organização social que vê a miséria do povo como paisagem, e a desgraça da maioria como o destino de "perdedores" ou mera fatalidade.

Geralmente se termina um editorial com palavras fortes, convocatórias de luta, jurando amor à causa e compromisso pelos companheiros que tombaram lutando. Agora só queremos lembrar nossos "heróis sociais" de carne e osso, a maioria que acorda às 4 da manhã, come marmitta e volta para morar em um barraco (quando a chuva já não o levou...). Queremos convocar os anarquistas a terem um esforço e dedicação na militância do tamanho da garra que os trabalhadores desta terra têm para levar comida e dignidade para seus lares.



ANARCO

**"Se tu me quieres escribir, ya sabes mi paradero.
En el frente de batalla, primera linea de fuego!"**

Canção dos milicianos da Frente de Aragon, Revolução Espanhola

MANIFESTO DA RESISTÊNCIA POPULAR AMAZÔNICA

O que são 500 anos de exploração e saque na Amazônia?

São milhões, isso mesmo, milhões de hectares de terras grilados e roubados, primeiro do índios, depois dos trabalhadores rurais. Fomos expulsos de nossas terras, obrigados a vagar sem comida e sem esperança nas ruas fétidas das grandes cidades. Até uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembléia legislativa paraense, uma CPI feita pela burguesia, comprovou a grilagem de 22 milhões de hectares por apenas duas empresas (a paulista CR Almeida e a catarinense Teka Tecelagem). Terra roubada através da corrupção dos cartórios e da coronelagem que ainda reina no interior gigantesco da Amazônia. Terra roubada dos trabalhadores e que só volta para nossas mãos através da ação direta organizada, da ocupação dos latifúndios.

Quinhentos anos de exploração também significam ouro, prata, ferro, manganês, bauxita, caulim, escorrendo como sangue pelas veias abertas pelo capital, principalmente na serra dos Carajás, a famosa "maior província mineral do planeta". E significam milhares de trabalhadores assassinados de fome, de desemprego, de falta de assistência, de doença, de ignorância ou de bala mesmo: pescadores, agricultores, catadores de caranguejo, pedreiros, carroceiros, catadores de lixo, donas de casa, seringueiros. Cabanos lutadores do povo que foram engolidos pelas engrenagens enferrujadas do capitalismo.

E a vida deles só permanece na luta dos que sobreviveram, na ação direta que recupera não só a terra, o direito à educação ou a moradia, mas sobretudo a dignidade.

É que esses 500 anos também contam uma história de resistência.

Aqui, a mata resiste, os bichos resistem, e os povos das florestas sabem usar a natureza para resistir. A relação entre o homem amazônico e a natureza sempre foi o grande triunfo da resistência popular. Era nas montanhas e igarités que os cabanos se encontravam, na madrugada escura, na esquina de um igarapé com outro, para conspirar, passar informações da revolução e fumar a porronca.

As armas cabanas ficavam no fundo da canoa e os lutadores se protegiam do sol e da chuva inclementes com o chapéu de palha, que acabou por se tornar símbolo de mudança. A coragem de resistir, a sabedoria de conhecer a mata e as encantarias, a consciência de classe e a identidade cultural firme dos cabanos só não se converteram em transformação peregrina justamente pela falta de um projeto de poder popular.

Um projeto que a *Resistência Popular Amazônica* tenta construir juntando outras armas ao chapéu e a fuzil dos cabanos, devolvendo aos trabalhadores os instrumentos da luta libertária e trabalhando bem longe de políticos profissionais e outras piadas sem graça da democracia burguesa e da esquerda institucional.

É um projeto que brota da auto-organização, do apoio mútuo, do classismo, da ação direta, da militância no seio do povo, do fortalecimento dos centros comunitários, grêmios estudantis e sindicatos. É um trabalho árduo de sementeira, que só vinga com a participação popular e com a descentralização das entidades populares. Que só cresce quando nosso povo conhecer de novo o seu poder de mudança.

É um projeto que traz uma certeza: a única consequência lógica da crítica ao sistema capitalista e da crença em uma convivência solidária, livre e igualitária entre os seres humanos, é a construção da sociedade socialista libertária.

Porque acreditamos mais no coletivo que no individual, porque estamos certos de que o pessoal só se desenvolve plenamente no social: por isso somos **SOCIALISTAS**.

Porque confiamos mais na responsabilidade que na autoridade, mais na discussão que na imposição, mais no acordo que na submissão: por isso somos **LIBERTARIOS**.

Resistência Popular Amazônica
CP 1206; CEP 66017-970; Belém/PA

Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 3,00);

solicite a nova tabela de publicações à venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c

Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o

CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.

MANIFESTO AOS QUE MORRERAM, AOS QUE VÃO MORRER, AOS QUE SOFREM

Perante o genocídio calculado que se abateu sobre o Timor, minha terra de naturalidade — acidente determinado pela irresponsabilidade do homem — em que homens-chacais se apostaram em exterminar impunemente um povo, várias vezes tenho sido acusado por manter silêncio perante as atrocidades cometidas e por me recusar a comentar o problema de Timor.

Perante o grito angustiante dos que vão morrer e de todos aqueles que se viram espoliados e separados do seu lar e dos arautos da liberdade amordaçada que fazem moeda de troca com os mortos e o sofrimento, eu quero deixar escrito a minha repulsa e condenação por todos aqueles que fazem bandeira com a desgraça alheia para alcançar os seus obscuros fins.

Perante o grito silencioso dos que não têm voz eu quero dizer-lhes o engano que vivem.

Perante a torpeza da lei dos homens e de Deus, eu quero gritar bem alto a minha impotência e estabelecer um pacto com o Diabo para que Ele ponha termo ao martírio da Humanidade.

Todos os dias assistimos ao psitacismo dos políticos e dos seus lacaios e todos os dias assistimos impotentes ao renovar das ilusões.

Eu, que escrevo, não tenho o direito de sobreviver neste paraíso em que os homens tão má imagem dão de si próprios e em que todos os dias se fala de paz e liberdade e se promove a guerra e a escravidão. Tu, Humanidade, és culpada da hecatombe que te preparam e na qual colaboras com a tua inércia, o teu comodismo, a tua convivência.

Que eu saiba, de todos os Timorenses, só eu sou ANARQUISTA. Assim, não luto por poder, mas pela Liberdade; não luto para implantar sistemas iníquos, mas pela Justiça. Não luto seguindo a moda do momento, mas pela realização integral do Homem; não luto para mandar, e tampouco para obedecer; não luto para trocar de amo, tampouco para me eleger; luto pela minha identidade de Homem Livre!

Como homem não posso permanecer indiferente a todo e qualquer sofrimento, mas tampouco posso aliar a minha voz à dos que mercadejam com o sofrimento e a morte.

Olho à minha volta, ausculto o sofrimento, que observo?! Com infinita tristeza verifico que os que sofrem querem, somente, deixar de ser sujeitos e pacientes do sofrimento, mas não se preocupando com o sofrimento que infligem nos outros e unicamente desejam trocar de lugar: de sofrendores a observadores! Não, não, mil vezes não! Cambiar para que tudo fique na mesma não me parece razão inteligente para lutar. É tempo de educarmos os nossos filhos para serem Livres, longe da que avilta dependência. Eu sou ANARQUISTA, chamo-me revolucionário, porquê, então, não participo na luta de libertação do Povo Timorense? Primeiro, porque sou ÚNICO, careço de meios para lutar dignamente e me repugna usar a mentira ou as meias verdades; e porque na luta que se desenrola, nenhum dos intervenientes luta pela VERDADE e JUSTIÇA como a entendo. Porque, sendo ANARQUISTA, nada existe de comum entre esses lutadores da liberdade escravocrata e a meta que eu proponho. Não, não quero ser conivente nesse sofrimento gratuito que impõem ao "Povo PORTUGUÊS de Timor". Estamos inseridos num sistema iníquo e eu sofro pela minha impotência. Compreendo e aceito a minha insignificância; que sou uma molécula no microcosmos do Universo; mas, também compreendo e aceito que nenhum homem é maior do que outro homem para lhes impôr rédeas. Eu sou um Homem, e como Homem me assumo e compreendo e propago a Revolução Social, pacífica ou violenta, como única forma de acabar com o estado de iniquidade que a Humanidade vive. Para onde quer que me volte só vejo sofrimento, e, embora ilusoriamente, alguns poderão beneficiar desse sofrimento mas, se forem Homens e se se interrogarem, hão de verificar que esse sofrimento em nada contribui para aumentar as delícias da sua vida!

É terrível estar-se só! E o homem, hoje, está só, perante a sua codícia. Derrubemos todas as fronteiras e o sofrimento cessará!!!

Aos que morrerem e aos que vão morrer mercê da estúpida maldade dos homens eu lego este meu grito ferido de impotência, de repulsa, e raiva...

Que viva o Homem! Abaixo a tirania! VIVA A ANARQUIA!!!

Ilídio dos Santos

Sobrevivente da Grande Guerra de 1942 (39)-45 no Campo de Concentração de Liquejã-Emnera

DO SER E SE PARECER ANARQUISTA

"Quero continuar sendo este homem impossível, já que todos os que hoje são possíveis não mudaram." (Bakunin)

"Caiu a máscara odiosa, o homem ficou sem seu centro: livre, sem coerções, homem igualitário, sem classe, sem tribo, sem nação, isento de toda casta, culto, ordem. Senhor de si mesmo, justo, nobre, sadio..." (Shelley)

O Anarquismo teve entre seus teóricos e pensadores uma notável característica. É possível se condensar em apenas uma frase posições cuja exposição sistemática requereria centenas de páginas. Assim, temos expressões como "Nem deus nem patrão" de Bakunin, "A propriedade é um roubo" de Proudhon, ou "A paixão de destruir é uma paixão criadora", do mesmo Bakunin, que nos dizem mais do que livros, e livros com análises profundas. E isso não é mera casualidade.

As razões são várias, sendo que a primeira é a capacidade de uma pessoa dar forma a frase. E isto é obtido graças a sua capacidade de superar todo o complexo de palavras e de ações individuais e sociais, das motivações mediatas e imediatas de cada um, do peso e dos prejuízos da história, chagando assim a definir sinteticamente o núcleo de um problema intrincado.

Entretanto há algo mais, porque não é a toa que isto seja conseguido em seu mais alto grau pelos anarquistas. A razão é que são os anarquistas um conjunto de pessoas que buscam resgatar o essencial de cada ser humano: sua liberdade e igualdade. Os anarquistas são capazes de enfrentar a visão da história apresentada pelos sistemas de interpretação dominantes, enfocando a espontaneidade criativa da humanidade. São e serão eternos "buscadores", pois reconhecem que acima de qualquer doutrina a cerca da vida, está a própria vida. Não tentam ser criadores de sistemas imutáveis ou projetos perfeitos de sociedade, que obriguem a cada indivíduo a ser um teórico, antes que um prático que participe.

Os anarquistas não temem a desordem, pois confiam na fertilidade que esta carrega e na rica harmonia em que desemboca, harmonia esta que não é apenas da razão, senão da totalidade do homem. Por isso mesmo, seu objetivo é uma sociedade aberta, um estado de mutação permanente através da viva interação entre o indivíduo e a sociedade, sem autoridade nem governo.

Somente assim é possível para um grande intelecto individual chegar a esse núcleo, definindo em poucas palavras um aspecto da natureza humana concreta e de sua aspiração

Tentemos esclarecer o que entendemos por anarquismo, tarefa pertinente quando a palavra tem tido

significados tão equivocados. Assim, anarquismo é respeitar ao indivíduo e sua liberdade, assumir o socialismo, lutar contra o Estado e sua opressão, ser crítico e irreverente. Entretanto, o inverso não é necessariamente certo e explicamos por que.

Respeitamos o indivíduo e sua liberdade, mas nem todo individualista é anarquista. Pensamos que uma pessoa livre não pode deixar de assumir seu compromisso social, pois é inerente à condição humana viver em comunidade. Um indivíduo que negue este compromisso ou que se aproveite egoisticamente do coletivo, não é anarquista.

Por isso é que também somos socialistas, mas nem todo socialismo é anarquismo. Esse socialismo que em nome do coletivo submete, anula e sacrifica o indivíduo, negando sua liberdade, impedindo a expressão de todas suas capacidades, não é anarquismo.

Nós enfrentamos o Estado, mas nem todo aquele que

protesta contra o Estado é anarquista. Nossa luta contra o Estado é um aspecto da luta contra todo poder permanente qualquer que seja. Por isso, lutar contra o Estado sem lutar contra outras formas de poder, como o econômico, o social, o político, o religioso, o dos costumes e preconceitos, o da educação, não é anarquismo. Nossa luta contra o Estado não é conjuntural, nem contra o partido de governo, nem até alcançar o "poder", senão que é um aspecto na nossa busca por uma sociedade autogestionária, fruto da liberdade e igualdade de seus membros.

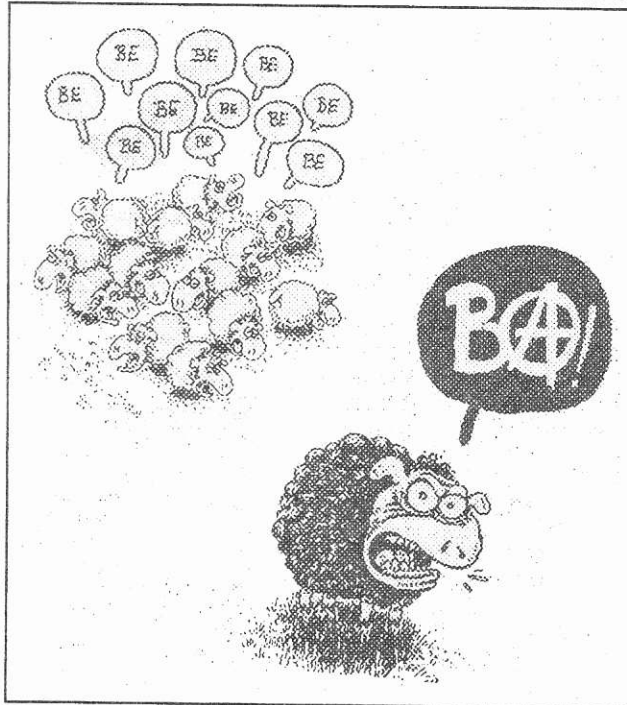
Somos irreverentes contra os ídolos que tentam nos impor, sejam políticos, históricos, religiosos, estéticos ou filosóficos.

Mas nem todo irreverente ou aquele de palavrório audacioso, com roupas e atitudes de protesto, é anarquista. Nossa atitude é do rechaço à toda imposição pela força, seja física, do hábito, da educação ou da chantagem moral, e por isso assumimos atitudes irreverentes. Mas nossa intenção é a de construir uma sociedade melhor. Sem esse aspecto construtivo, a audácia e a irreverência não passam de palavras vazias, que não poucas vezes ocultam a pretensão de desfrutar desse poder contra o qual se diz lutar.

Então, como em muitas outras coisas, não são todos os que se parecem, nem se parecem todos os que são, ainda que seja fácil se confundir pois, de anarquista e louco todos temos um pouco, ainda que atualmente esse pouco não seja suficiente.

Douglas Garcia

(Publicado originalmente na Corre@#8, fev/89, Caracas, Venezuela)



NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

Resistência Popular, um ano de lutas em São Paulo: No final de 1998, grupos de diferentes cidades de SP iniciaram uma discussão para construir uma organização realmente combativa, que pudesse trazer de volta para o povo, a luta pela Revolução Social. Em janeiro de 1999 aconteceu o Congresso de Fundação, oportunidade em que foi aprovada nossa Base de Acordo. Essa organização recebeu o nome de *Resistência Popular* (RP). Somos uma organização política de esquerda combativa (não buscamos diálogo com a classe exploradora) e atuamos fora das instâncias da democracia burguesa. A RP tem como principal fundamento a ação direta da classe explorada, para avançar no rumo da construção do Poder Popular. Nossa atuação se dá nas entidades que compõem os movimentos sociais: associações de moradores, grêmios estudantis, DCE's, CA's, etc. Defendemos que essas entidades sejam protagonistas das lutas sociais, sem politiquinhos profissionais como intermediários. Queremos somar forças com mais pessoas e grupos, tanto do interior paulista como de outros estados brasileiros. Para isso formamos a *Coordenação Nacional Pró-Resistência Popular*, que conta, além de nós, com a *RP Amazônica*, a *RP Gaúcha* e a *Tendência Ação Estudantil* (Mato Grosso). A nível nacional, nos encontrávamos nos ENEL (Encontro Nacional de Estudantes Libertários), que no começo aconteciam paralelamente aos congressos da UNE. Nos últimos anos começamos a realizar encontros à parte, para discutirmos uma ação conjunta. As experiências se multiplicaram. Deixamos de atuar apenas no movimento estudantil. Vimos que devíamos estar presentes, com nossas idéias e propostas, em todos os lugares onde moramos, onde trabalhamos, onde estudamos. Devemos estar presentes em todos os lugares onde haja luta do povo contra esse sistema, que exclui pessoas e destrói vidas. No ano 2000, será realizado em São Paulo durante o carnaval, o ENTEND (Encontro Nacional de Tendências), oportunidade em que discutiremos os avanços das nossas lutas nos Estados que já compõem a Coordenação, bem como em outros que venham a se unir conosco. Para saber mais sobre a RP, ou se informar sobre o ENTEND, escreva para nós: **RP; a/c; Secretário de Relações; CP 1020; Mogi das Cruzes/SP; CEP 08741-970.**

Encontro Internacional: Está sendo organizado para o período entre 4 e 7 de setembro de 2000, em Florianópolis/SC, o *Encontro Internacional: Cultura Libertária e Mudança Social*, com a finalidade de aproximar pessoas e grupos interessados no intercâmbio de experiências, para discutir limites e possibilidades da cultura libertária. Os eixos de discussão previstos são: experiências libertárias em andamento; experiências de comunicação libertária (imprensa, fanzine, internet, rádio, arte, etc.); cultura libertária e imaginário social; formas libertárias de intervenção social para o século XXI; pesquisas sobre temáticas libertárias. Pretende-se que a dinâmica seja através de exposições, audiovisuais, encontros de discussão, oficinas, mesas de exposição, apresentações artísticas. Todos os interessados em participar do evento devem, o mais breve possível, entrar em contato com os organizadores. Respostas para: Universidade Federal de Santa Catarina; Centro de Educação - NAT (Núcleo de Alfabetização Técnica); Campus Universitário Trindade; CEP 88010-970; Florianópolis/SC; Brasil ou e-mail: molypey@brasilnet.net e/ou anapreve@zaz.com.br

ANARQUISMO E LITERATURA

A literatura é o apelo da liberdade do escritor à liberdade do leitor. Uma literatura verdadeiramente artística não submete o leitor a uma visão de mundo, mas convida-o a pensar o mundo de outra forma. A atual sociedade sempre indaga: "Para que ler um romance, quando se pode fazer coisas mais úteis?" "Para que serve a literatura?" Há quem responda que a literatura é feita para nos divertir, nos entreter. Ora, entretenimento é um prazer fácil, que nos alegra e relaxa para melhor voltarmos ao trabalho, ignorantes e satisfeitos. Estas obras "inofensivas" não são dignas de serem chamadas literárias. A literariedade é um desvio na linguagem que a faz deixar de ser simplesmente informativa ou recreativa, e passar a ser artística.

A literatura realmente não é utilitária, não serve para nada. Mas eu me pergunto: Para que serve um recém-nascido? A literatura é uma expressão viva da humanidade. É uma maneira de vermos o mundo sob outra ótica e repensarmos nossos valores. Ela não cria valores, mas os questiona, põe em dúvida antigas certezas nas quais se baseia nosso edifício social. Como a literatura não impõe, só questiona, podemos dizer que ela é destrutiva, mas não devemos colocá-la como vilã pois já dizia Bakunin que o "impulso destruidor é, ao mesmo tempo, um impulso construtor". É nesse caráter destrutivo que reside a força da literatura. Buscando neutralizar esta força, a classe dominante vende a idéia de que é preciso explicar a obra pela vida do autor e pelo ambiente social em que foi feita; assim os questionamentos ficam datados, restritos e relativizados por dados biográficos.

A Rede Globo, por exemplo, adora editar e adaptar para a TV textos de Lima Barreto. E o faz sem medo, pois o pensamento libertário é mostrado como "coisa de outros tempos" e a revolta *barretiana* como fruto de problemas particulares do autor: problemas que não são nossos.

Tolstói também é lido, para conveniência da burguesia, de uma forma superficial. As críticas ao Estado e à guerra são tidas como produtos da infeliz experiência do autor no Exército, críticas que só fariam sentido para ele e naquele contexto. Os mesmos que dizem que o pensamento anti-estatal de Tolstói é loucura, caracterizam sua obra como de extrema qualidade, sem lembrar que a grandiosidade e o vigor libertário desta obra reside também neste radicalismo anti-estatal. Vale lembrar que o romance *Guerra e Paz* teve este título por causa de um panfleto de Proudhon chamado "A Guerra e a Paz".

Hoje temos de um lado os propagandistas da literatura de entretenimento (escritores em busca de dinheiro fácil e leitores em busca de prazer fácil e alienante) e de outro lado a literatura artística, menos assimilável pelo capitalismo e que proporciona um prazer difícil, doloroso, revolucionário, que só pode se exercer plenamente numa sociedade libertária, livre dos grilhões do mercado e aberta para as diversas expressões do espírito humano.

Winter Bastos (Niterói/RJ)

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ. LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * CCL/BH. CP 1293. CEP 30123-970. BELO HORIZONTE/MG * SAT. CP 269. CEP 12460-970. CAMPOS DE JORDÃO/SP * MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * OCA. CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO * ULMA. CP 710. CEP 65001-970. SÃO LUÍS/MA * RESISTÊNCIA POPULAR NOS ESTADOS: RP-GAÚCHA. CP 5098. CEP 90040-970. PORTO ALEGRE/RS * RP-SP. CP 1020. CEP 08741-970. MOGI DAS CRUZES/SP * RP-AMAZÔNICA. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * AÇÃO ESTUDANTIL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT *

... ANDRÉ MID